

AGUALUSA, JOSÉ EDUARDO. *A RAINHA GINGA
E DE COMO OS AFRICANOS INVENTARAM O
MUNDO*. RIO DE JANEIRO: FÓZ, 2015.

SHEILA RIBEIRO JACOB*

* Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Senta-te, ordenou, vou contar-te uma história que o meu pai contou a mim, depois de a ter escutado do pai dele. Aqui, neste chão de África, nós gostamos de contar histórias.

(José Eduardo Agualusa, A Rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo, p. 35)

A arte de contar histórias é uma das formas mais marcantes de transmissão de conhecimentos e valores na tradição oral africana. No romance mais recente do escritor angolano José Eduardo Agualusa, intitulado *A rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo*, publicado em 2015, essa sabedoria se atualiza na narração de uma série de fatos e casos que se sustentam em relatos históricos e também servem de matéria-prima para uma instigante produção fictícia. O convite feito por Ginga, referido na epígrafe, espelha o convite do próprio autor para que possamos conhecer a trajetória dessa lendária rainha dos ambundos, o que nos é permitido por meio dos relatos do narrador da trama, o brasileiro Francisco José da Santa Cruz, mestiço natural de Pernambuco, que chega ao continente africano “nos idos de 1620” (2015, p. 9) enquanto ainda era padre.

A abertura do romance já nos apresenta a personagem histórica que dá título ao livro, cuja soberania, altivez e personalidade são capazes de ofuscar o corpo aparentemente frágil. Dá-se, com esta breve passagem, o pacto inicial do leitor com a obra, tecida pelo olhar afetivo do narrador:

A primeira vez em que a vi, a Ginga olhava o mar. Vestia ricos panos e estava ornada de belas joias de ouro e de sonoras malungas de prata e de cobre nos braços e calcanhares.

Era uma mulher pequena, escorrida de carnes e, no geral, sem muita existência, não fosse o aparato com que trajava e pela larga corte de homens e de mucamas a abraçá-la. (AGUALUSA, 2015, p. 9, grifo do autor).

Ficamos sabendo, então, que o padre pernambucano, narrador dessa nossa viagem leitora pelo tempo e pelo espaço de Angola, havia sido enviado pelo governador de Angola, Luís Mendes de Vasconcelos, para servir Ginga como secretário e como conselheiro. Na época, ela ainda não era rainha, “não obstante o porte” (id., *ibid.*, p. 12), na apurada observação do narrador, sendo subordinada ao irmão

Ngola Mbandi, que havia assumido o reino do Dondo após a morte do pai, o famoso Ngola Quiluanji.

Uma das primeiras cenas do romance logo nos remete a uma passagem bastante emblemática e uma das mais conhecidas da história de Ginga. Por ser conselheira preciosa de seu irmão, ela vai a Luanda encontrar-se com o novo governador, João Correia de Sousa, liderando uma embaixada própria para fazer um acordo com os portugueses e conquistar apoio mútuo, caso fossem atacados por nações inimigas. Assim é narrado o episódio:

O governador recebeu-a sentado num caldeirão alto, quase um trono, tendo ao seu lado as autoridades militares. Para a Ginga reservara uma almofada, debruada a ouro, sobre uma sedosa alcatifa. Não o fizera por má fé [...] A Ginga não o entendeu assim. Deu ordem a uma de suas escravas, uma jovem mulher de graciosa figura, chamada Henda, para que se ajoelhasse na alcatifa e, para grande assombro de todos os presentes, sentou-se sobre o dorso da infeliz (id., *ibid.*, p. 31).

Nas palavras do narrador, em coro com a historiografia sobre a personagem, tal gesto representou a força de uma mulher que não se deixaria submeter por ninguém e aproveitaria qualquer ocasião para reforçar sua audácia e colocar-se em pé de igualdade, estabelecendo alianças com quem fosse conveniente para que tivesse êxito seu projeto de poder. Assim, “ainda que o governador João Correia de Sousa falasse a partir de cima, era como se o fizesse a partir de baixo, tal a soberba e a clareza das ideias da Ginga” (id., *ibid.*, loc. cit.). Ela aproveita que está em Luanda e, passando pelo batismo, torna-se Anna de Sousa, já que, segundo sua própria justificativa, “ao converter-se, reforçava a aliança com os portugueses e, ao mesmo tempo, tomava para si uma parte da magia dos cristãos” (id., *ibid.*, p. 34). Mulher guerreira e diplomata, que quando assumiu o trono exigiu ser chamada de “rei” e reuniu em volta de si um harém de homens vestidos como se fossem mulheres, entendia a força simbólica das aparências e, estratégica, sabia como era importante saber jogar nos dois mundos.

Graças aos relatos do então padre Francisco, ficamos sabendo de muitos e controversos episódios da vida de Ginga: após a suspeita morte de seu filho Quizele, seu próprio irmão morre de causa também suspeita: febre, desgosto ou envenenado pela irmã? Algumas perguntas acabam ficando sem respostas. Ela, então, assume como rainha – ou “rei” –, estabelecendo aliança com os poderosos

guerreiros jagas, retomando o acordo com os portugueses e depois aliando-se aos holandeses, que chegaram a Angola em agosto de 1641 comandados por Cornélio Jol, uma figura histórica que ficou conhecida como “perna de pau” e que também é recuperada como personagem dessa aventura.

O que dá contornos bastante interessantes e envolventes à narrativa é o fato de somarem-se aos personagens históricos aqueles que são fruto apenas da criação ou, então, que se inspiraram nos registros e documentos históricos, mas seguiram trajetória própria no mundo da ficção. É interessante, por exemplo, como o autor do romance nos apresenta a continuação da trajetória da escrava que havia servido de cadeira à rainha Ginga no episódio narrado logo no início do livro e, também, desta resenha. Ao contrário dos relatos oficiais, dos quais ela desaparece, ficamos sabendo que Henda passou a habitar no Palácio em Luanda, adquirindo cada vez mais responsabilidades até que passou a servir de porta-voz dos ancestrais para os moradores. Às suas previsões todos recorriam quando tinham curiosidade ou algum sonho misterioso. “Não estarei exagerando muito se disser que Henda governava a cidade”, nos diz o narrador em um momento mais avançado do texto (id., *ibid.*, p. 189), retirando o véu do silêncio e do desconhecimento sobre a personagem e colocando-a em posição de autoridade para aqueles habitantes.

Para além do que sugere o título, percebemos, ao longo da leitura, que a história da rainha serve de pretexto para acompanharmos as muitas aventuras e desventuras do narrador, Francisco, e testemunharmos com ele passagens e personagens históricos marcantes do século XVII. Às narrativas referentes a Ginga somam-se as peregrinações do personagem por Angola, acontecimentos de sua infância no Brasil, sua chegada a África, seu amor por Muxima, que tornou-se Inês de Mendonça após o batismo, a identificação com os naturais da terra, a desistência da batina, a traição aos portugueses, que ficaria uma marca em sua história pessoal, o retorno ao Brasil para negociar com os holandeses, a volta a Angola, a reconquista da colônia por Portugal e a fuga para Amsterdã com seu filho Cristóvão. A todo momento personagens históricos contracenam com os fictícios. É assim que, por exemplo, Francisco encontra-se com o famoso Maurício de Nassau, “um bravo homem de armas que combatera contra os espanhóis [e que] era também um excelente diplomata e administrador” (p. *id.*, *ibid.*, 158).

Acompanhando os percalços de Francisco José, vamos percebendo que sua fidelidade não está atrelada a um conceito de nação ou território, mas sim ao seu senso de justiça, já que, como ele mesmo explica, era filho de índia Caeté com

um mulato, filho de um português e uma negra. “Sou a soma, por certo um tanto extravagante, de todos esses sangues inimigos” (id., *ibid.*, p. 11), confessara logo no início da narrativa, como um palpite para tantos acordos e desacordos que marcariam sua trajetória a partir de então.

Partindo dos fatos históricos, muito bem ancorados em uma vasta pesquisa bibliográfica informada pelo autor ao final de sua obra (id., *ibid.*, p. 235), nós, leitores, vamos testemunhando situações de intrigas, traições, violências, crueldade, vinganças – as quais, aliás, não são privilégio nem do passado e nem de uma terra tão distante. A missão civilizadora é questionada a todo momento pelos desmandos praticados em nome da Igreja, principalmente por meio de seus modos de punição. Por outro lado, nas muitas parábolas que vamos encontrando na história vamos vendo espelhada nossa complexa humanidade e descobrimos que mais semelhanças nos aproximam daquele continente do que as diferenças nos afastam. Uma lenda iorubá, que serve de primeira epígrafe para o romance, trata de um pássaro que, ao contrário de outros seis, não escolheu ficar pousado nem na árvore do mal e nem na árvore do bem, mas sim “voando de uma árvore para a outra” (id., *ibid.*, p. 7). Esse bem e esse mal que trazemos dentro de nós, e vemos refletidos nas atitudes dos personagens que compõem a obra, nos dão uma pista, talvez, para o subtítulo da obra, “de como os africanos inventaram o mundo”. “Nascemos, crescemos, fazemo-nos adultos e depois velhos. Não habitamos ao longo da vida um único corpo, e sim inúmeros, um diverso a cada instante” (id., *ibid.*, p. 203), nos diz o padre, ressaltando as transformações e mudanças por que todos passamos ao longo da vida. Nos homens e mulheres que transitam pelo romance, feitos de altivez e mesquinhez, piedade e crueldade, todos nos reconhecemos, inclusive no lampejo de sanidade com que o padre nos brinda quase ao final de seu relato com o seguinte diálogo:

– Isso não está certo! – murmurei.

[...]

– Isso de os homens se andarem matando uns aos outros por um punhado de prata, ou para melhor poderem escravizar e vender outros homens. Toda a ganância desmedida, a infinda roda de violências e atrocidades. A felicidade é tão simples, não vê?! Um pouco de água, outro tanto de luz. Diz-me se há ouro que pague um milagre como este... (id., *ibid.*, p. 214).

Com *A Rainha Ginga*, Agualusa volta ao romance histórico 16 anos após a publicação de *Nação crioula* (1997), o qual também apresenta o triângulo Portugal – Angola – Brasil com que nos deparamos nessa obra mais recente. Aliás, sua estreia como romancista, em 1989, se deu por meio desse mesmo gênero com o lançamento de *A conjura* (1989), que nos possibilita um retorno ao século XIX angolano e à geração da imprensa livre que teve, então, seu auge. Com mais essa obra, ele, assim como outros autores, nos mostra que a literatura angolana está mergulhando cada vez mais fundo na história e permitindo que reflitamos sobre o presente a partir do passado. Mostra, assim, que “o que tem fé sabe que não existe final – tudo são começos” (id., *ibid.*, p. 203), e que a história está sendo recontada para que, quem sabe, possamos aprender algo com ela e, assim, seja possível vislumbrar um possível recomeço.

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. *A Rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo*. Rio de Janeiro: Foz, 2015.